

**Análise Comparativa entre Casos de Planejamento Urbano em Maringá (BR) e  
Letchworth (UK)**  
*5-Dinâmica urbana*

**Rodrigues, Ana Lúcia<sup>1</sup>; Marcon Costa, Julia<sup>1</sup>**  
*1 - Universidade Estadual de Maringá.*

## **LETCHWORTH**

Foi na Modernidade, com as Revoluções Francesa e Industrial, que a questão urbana, enquanto primazia do espaço de produção capitalista, passou a ser discutida. A partir de então, o inchaço urbano, imprevisível e inevitável, obrigou e orientou o planejamento. Da última metade do século XIX em diante, grandes indústrias começaram a criar pequenos núcleos - em geral com até 40 mil pessoas - em seu entorno. Tais *company towns* abrigavam as famílias dos trabalhadores e seu zoneamento buscava unir funcionalidade, áreas verdes e espaços de convívio social, além de manter seus funcionários contíguos à empresa. Nesta época os planos de ampliação de Barcelona enfatizaram a circulação urbana - de pedestres e veículos - com quarteirões amplos e ruas arborizadas. Também eram crescentes a difusão de subúrbios-jardim EUA e Reino Unido afora.

Em 1891, os idosos perfaziam 35% da população nos distritos manufatureiros ingleses e 60% nos agrícolas, um claro sinal de êxodo. O campo já não era atrativo e mesmo com a poluição e a insalubridade, decorrentes da recente e desordenada industrialização, as grandes cidades pareciam, ao menos, oferecer melhores perspectivas de trabalho e de vida. Em fins do século XIX Londres e outras cidades inglesas fabris já super povoadas mantinham suas populações em degradantes condições de trabalho, higiene, moradia, qualidade de vida e saúde e continuavam a receber massas de famílias oriundas de pequenos núcleos rurais. Estas cidades ansiavam por soluções e pensaram-se grandes obras para interferência governamental.

Foi amplo o debate sobre o tema: o que poderia ser feito para tornar mais atrativa a área rural? Seria plausível desenvolver atividades no campo que não aquelas ligadas intrinsecamente à agricultura? Como oferecer perspectivas de melhoria para a população ao menos equiparadas àquelas dos núcleos urbanos?

Se por um lado a situação urbana apresenta salários relativamente maiores, oportunidades sociais, estudantis e empregatícias maiores que o meio rural, lazer diferenciado, infra-estrutura e amplo círculo social, o campo oferece bem-estar em contato com a natureza, tranquilidade, baixo custo de vida, convivências sociais saudáveis e todas as oportunidades e prazeres derivados desta relação.

Do mesmo modo, na cidade o homem não é capaz de produzir seu próprio alimento, sofre com a poluição, a violência decorrente de atritos sociais, os altos aluguéis, a insalubridade, os congestionamentos, a falta de planejamento, e a alta concentração demográfica. Já na área rural as principais desvantagens são a falta de (opções de) vida social, emprego, entretenimento e diversificações de trabalho, além da dificuldade de acesso a alguns serviços. Além disso, na cidade a governança estatal é mais saliente, contribuindo para que seus habitantes tendam a identificar-se com uma ou outra ideologia. Não é intuito fazer apologia às comunidades rurais ou à pequena cidade, apenas contrabalancear os valores das variadas formas de organização social.

Perdureceu a idéia de que é assaz benéfica a separação entre homem e natureza, como se a *urbe* fosse inerente ao ser humano e vice-versa. Essa dicotomia campo x cidade levou Ebenezer Howard, na maré de utopias emergentes do fim do século XIX e início do XX, a projetar a cidade-jardim com o propósito de agregar as benesses e eliminar as desvantagens das duas antagônicas formas de morar (fig. 1). Assim, doravante há três opções, três imãs para a população optar. O conceito de *garden city* configurou-se como alternativa à industrialização por ora desumanizadora e caótica da metrópole recém-industrializada, principalmente Londres, vista por Howard como dotada de deficiências sociais e físicas incuráveis, fundamentalmente prejudiciais aos homens.

Ele, ainda que não fosse um crítico do sistema vigente, pensou uma Letchworth de cunho cooperativista, com terras comunais. Segundo o próprio, seu projeto lançava um terceiro sistema socioeconômico centrado nas municipalidades auto-geridas, isto é, cada cidade enquanto todo, não enquanto célula do todo nacional.

E qual seria o tamanho possível / adequado de uma cidade-jardim ideal? Diga-se 30 mil habitantes dispostos em 400 hectares e outras 2000 pessoas viveriam em 2000 hectares agricultáveis periféricos. A partir daí outro núcleo organizar-se-ia próximo ao primeiro, separados por extensa área verde, um *green belt*. Assim sucessivamente, de modo que os moradores desfrutem da tranqüilidade e do senso comunitário que em geral há nas pequenas localidades e deleitem-se com a intensa vida cultural e opções de lazer e serviços das grandes cidades. O projeto previa uma rede de seis dessas municipalidades dispostas nas bordas de um grande círculo, interligadas entre si e à cidade central, de 58 mil moradores, perfazendo a cidade média de 250 mil habitantes.

Além de funcionar como muralha das cidades, como nas feudais, e impedir o crescimento exacerbado, os cinturões verdes permitiam ao observador a visão de paisagem natural, tornando-a aprazível e convidativa.

Ficou a cargo dos arquitetos Raymond Unwin e Barry Parker o desenho de Letchworth, já que Howard era taquígrafo do parlamento inglês, e não planejador urbano. Parece, estava mais preocupado em criar uma comunidade cívica saudável do que com a forma urbana em si. O traçado desta primeira cidade-jardim segue um padrão simples, informal e claro, apenas com o desenho central um pouco mais rígido.

Às porções agrícolas é destinado o lixo produzido na cidade. As rendas fundiárias são propriedades comuns, administradas pela prefeitura. A produção agrícola tem como fito abastecer a cidade, mas não é delimitada a esta.

Não são negadas à população a propriedade particular e as privatizações, concomitante ao incentivo às entidades filantrópicas, geridas pela sociedade civil. Para Ebenezer Howard “é possível ser tão generoso dessa forma, pois o poder de gasto dessas instituições beneficia grandemente a comunidade inteira. Além do que, como os que migram para a cidade contam entre seus membros os mais energéticos e cheios de recursos, é justo e de direito que seus irmãos mais carentes possam valer-se dos benefícios de uma experiência destinada à humanidade como um todo”.

Todo o seu maquinário é movido à eletricidade, o que baixa consideravelmente os níveis de fumaça comparado a uma cidade tradicional. Circundando Letchworth, a linha férrea tem em frente armazéns, carvoarias, serrarias, mercados, fábricas, laticínios e outros que cuja funcionalidade seja facilitada pela proximidade com a ferrovia. O objetivo desta proposta é diminuir custos com logística e com perdas por avaria. Esta estrada possui ramais que se conectam a diversos pontos da cidade-jardim e a propriedades rurais.

Dentre as singulares propostas da cidade-jardim, uma das mais audazes é seu método de obtenção de receita. Como se sabe, é grande a discrepância de valores

atribuídos aos solos rurais e urbanos, ocasionada principalmente pela variação de procura entre um e outro. E conforme grandes contingentes populacionais migravam para as grandes cidades, é natural que o preço de suas terras aumentasse. Letchworth possui uma peculiar resposta para esse fenômeno.

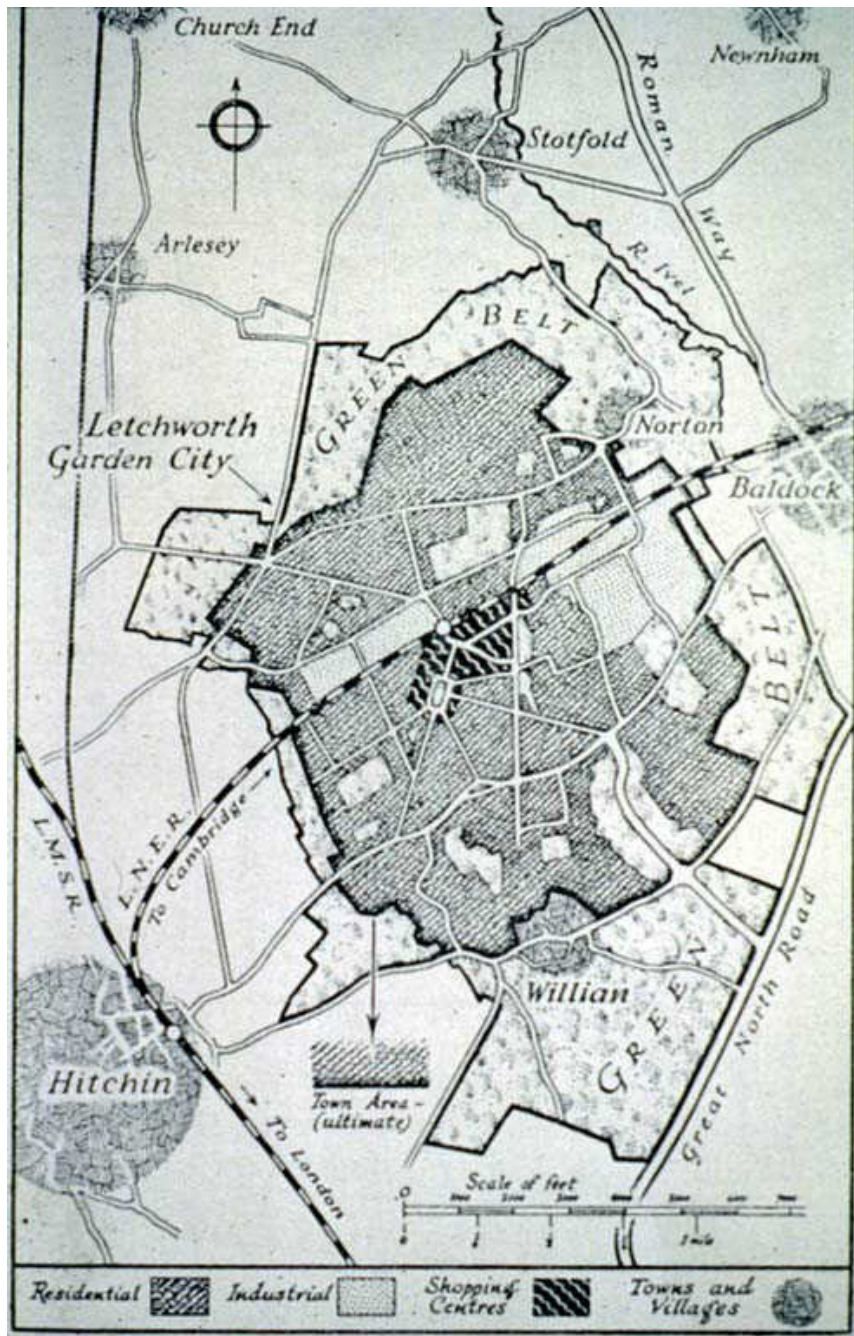


fig. 1: Planta de Letchworth

Todo seu rendimento provém de renda fundiária, destinada para, segundo palavras do próprio Howard “(a) pagar os juros do dinheiro com o qual a propriedade foi comprada; (b) constituir um fundo de amortização para saldar o principal; (c) construir e manter todas as obras geralmente mantidas pela municipalidade e por outras autarquias locais, a partir de taxa compulsória, e (d) (após a quitação completa das apólices da dívida) prover um substancial excedente para outros fins, tais como pensos para idosos ou seguros contra doenças e acidentes”. Conforme a procura por terrenos da cidade-jardim cresça, seu valor aumentará, mas esta diferença não será apropriada privadamente, e sim pela municipalidade. Este excedente resultante da especulação imobiliária servirá para o arrefecimento das taxas em Letchworth. Há 5.050 lotes edificáveis na cidade, com área média de 6,10x40m<sup>2</sup> e mínima de 6,10x30,5m<sup>2</sup>.

É altamente incentivado o plantio de variadas culturas para atender substancialmente a comunidade local. Neste sentido, a rede de esgoto é sabiamente organizada a fim de não contaminar as áreas agrícolas.

Fruto do urbanismo culturalista, Letchworth foi anunciada como um *locus amenus*, comunidade perfeita e feliz, difundindo a idéia de *fugire urbem*, do movimento barroco. Em linhas gerais, foi planejada para abrigar um número limitado de habitantes, com áreas verdes, serviços públicos, boas vias de circulação e atividades sociais, um meio caminho entre o isolamento do meio rural e a vida frenética das grandes cidades. Neste recanto da natureza nunca se está a mais de 200 m de um parque.

Não obstante, o caminho entre teoria e prática, como a tantas outras teorias, mostrou-se amargo para Letchworth, que foi fundada em 1903 e teve crescimento lento em seu princípio, sendo muito dependente de Londres, o que se modificou quando indústrias instalaram-se efetivamente ali.

No Reino Unido, a concepção urbanística das *garden cities*, de Ebenezer Howard, marca até hoje a paisagem de várias cidades. Os valores sobre configuração de constelações de cidades na Inglaterra perduraram até a década de 1960, empreendidos majoritariamente no pós-II Guerra, quando mais de uma centena de núcleos urbanos foram construídos em redes.

## MARINGÁ

Diz-se que Maringá é uma cidade modelo, planejada e moderna, uma cidade-jardim, graças principalmente à sua ampla arborização. No entanto, é Maringá alocada no conceito de *garden city* difundido na Inglaterra há 110 anos? É, deveras, uma cidade singular, situada no noroeste paranaense (fig. 2).

A chamada terra roxa do norte paranaense, derivada de decomposição basáltica, altamente fértil, propiciou intensa atividade local depois de ocupada, na década de 1940. A quebra da bolsa de Nova York atingindo os cafeicultores brasileiros, aliada a uma política getuliana de desbravamento interiorano trouxe, rápida e sistematicamente, levas de pequenos sitiantes atraídos pela oferta de terra fecunda e barata. A *Companhia de Terras Norte do Paraná*, posteriormente *Companhia Melhoramentos Norte do Paraná – C.M.N.P.*, de capital inglês, foi a principal empresa colonizadora da região, adquirindo do governo estadual as terras a baixos valores para revendê-las posteriormente. A mata atlântica foi, pois, substituída pelo café, ouro verde da época, pelas mãos de agricultores oriundos de todo o país, especialmente do estado de São Paulo.

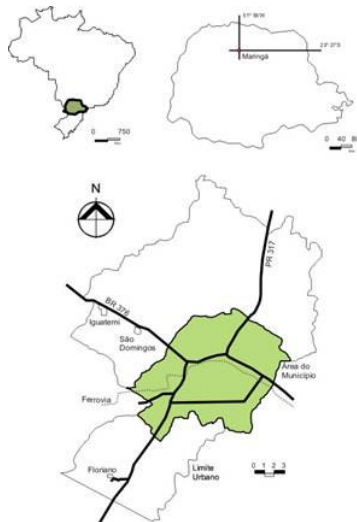


fig. 2 : localização de Maringá

Em apenas 25 anos, o norte do Paraná, antes somente conhecido por índios e colonos, tornou-se a principal região produtora de café no estado e viu nascerem 200 cidades, mais de 100 delas planejadas.

Conforme os fluxos econômicos locais tomavam corpo, tornou-se necessária uma melhor organização e sistematização do espaço, agora urbano.

A disposição de cidades elaborada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná na referida região foi inovadora em planejamento urbano regional no Brasil. Como nas cidades-jardins da Inglaterra, a ferrovia é levada como elemento direcionador da alocação de cidades ou de zoneamento das mesmas. Construiu-se uma cidade pensada para pelo menos 100 mil habitantes a cada 100 km; praticamente equidistante a dois destes núcleos, desenhou-se um de 50 a 60 mil pessoas; por fim, ocupando o intervalo ente tais cidades, povoações menores, destinadas a 15 mil moradores cada. Tal constelação de *urbes* assinala o conceito de *town and country* no cenário regional.

Assim, em 1945, a C.M.N.P. designou o arquiteto e urbanista Jorge de Macedo Vieira (1894-1978) para planejar o que já se assinalava como pólo regional. Ele havia acompanhado de perto os empreendimentos dos arquitetos Raymond Unwin e Barry Parker, planejadores da cidade-jardim Letchworth, nos arredores de Londres e do bairro-jardim destinado à classe média alta paulistana, Jardim América, e soube sorver as influências do traçado orgânico destes, com ruas curvas e retas segundo a topografia. Vieira construiu 19 bairros-jardins na maior metrópole da América Latina, mas nunca esteve em Maringá, seu primeiro plano de cidade completa.

Esta *cidade verde* foi projetada *a priori* em oito bairros: zona um até zona oito, que comporiam a cidade-jardim paranaense. Para tanto, praças, árvores e vias amplas com canteiros centrais foram abundantemente inseridas (fig. 3). A avenida Getúlio Vargas, a exemplo, liga o *centro cívico* - composto por Prefeitura, Biblioteca Municipal, Centro de Convivência, a monumental famosa Catedral e sua praça, o fórum e a agência dos correios – ao então terminal rodoferroviário e à vila olímpica.

A planta da cidade exibe um zoneamento peculiar. Duas áreas verdes, o Parque do Ingá e o Bosque dos Pioneiros, delimitavam a área central da cidade, destinada às classes mais abastadas; margeando a linha férrea instalaram-se a zona industrial, os armazéns e a vila operária; por fim, havia as regiões designadas especialmente aos trabalhadores. Para Rodrigues (2004), “... as zonas residenciais do projeto de Maringá

não se configuraram apenas enquanto espacialização de distintas funções, mas têm sua ocupação claramente definida por uma classificação socioeconômica: principal, popular e operária”.

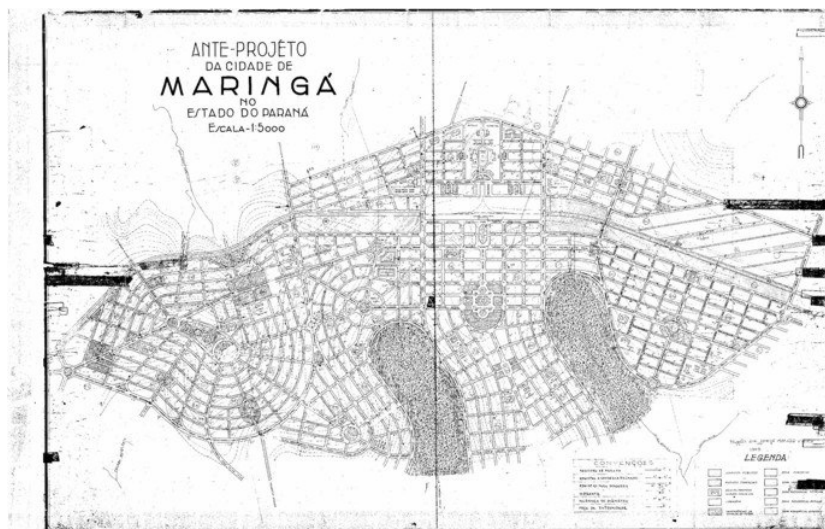


Fig 3.: Projeto de Maringá

Pensar Maringá enquanto cidade-jardim é julgar a maleabilidade do termo. Verdade seja dita: de fato é uma das mais arborizadas cidades do País e apresenta traçado consonante. Isto imprimiu alusão à condição de cidade-jardim, ou talvez tanto quanto, à de cidade verde, suficientemente difundida entre a população maringaense e demais que conhecem seu renome. No entanto, há notável discrepância entre o padrão central e o da periferia. Apesar de manter as vias largas, os bairros, em especial os mais recentes, já seguem o desenho classicista ortogonal comum, uma vez que não são essencialmente planejados.

Logo nos primórdios Maringá descaracteriza-se como cidade-jardim, uma vez que foi planejada para 200 mil moradores, seis vezes o limite idealizado por Ebenezer Howard: já em 1953 eram 45 mil moradores. Além disso, o objetivo de Vieira não era a fusão de campo e cidade, a densidade demográfica é bem superior à de uma cidade-jardim e em vez de casas espaçadas entre si com enormes áreas verdes por toda a cidade, temos aqui prédios e poluição.

Até a década de 1960, esta referida cidade verde conservou o projeto inicial de Vieira. Mas a cidade cresceu, novos lotes foram abertos e áreas rurais precisaram tornar-se urbanas. A partir de então, os desígnios iniciais deram lugar aos interesses imobiliários (fig. 4).

O Parque do Ingá, Bosque dos Pioneiros - ou Bosque Dois- e Horto Florestal compõem as principais reservas de mata nativa no município. O Parque do Ingá é aberto à visitação, com seus 47,3 hectares e mini zoológico, recebe algumas centenas de pessoas todos os dias. No Bosque Dois há cursos de idiomas e danças gratuitos. O último pertence à C.M.N.P. e está fechado. Todos oferecem pistas de caminhada e ciclismo em seus entornos, cotias, sagüis, lagartos, erosões e assoreamentos. A preocupação com a preservação da mata atlântica no Município não se refletiu em seu entorno, onde os cultivos agrícolas já extinguíram praticamente todos os resquícios desta.

Em 2007, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o município de Maringá contava com 325.968 habitantes. Seis décadas após os trabalhos



de Vieira, a cidade conserva alguns esboços do arquiteto e até mesmo as áreas anteriormente ditas ‘populares’ ou ‘operárias’ tornaram-se nobres, graças ao crescimento da população.

Para Rodrigues “o que pode ser constatado é que Maringá foi implantada como cidade planejada, trazendo em sua concepção os pressupostos de ordem e controle. Desde o início, o projeto de Jorge Macedo Vieira determinou a ocupação do espaço urbano de tal maneira que, de antemão, sabia-se onde deveriam morar as diferentes camadas sociais da população.”

No aspecto regional, hoje Maringá é sede de uma Região Metropolitana de 13 municípios (Itambé, Ivatuba, Floresta, Paiçandu, Mandaguaçu, Ângulo, Iguaçu, Doutor Camargo, Astorga, Sarandi, Marialva e Mandaguari), apesar das divergências de sua alocação no conceito de metrópole. Esta malha urbana abriga, segundo o IBGE, 570.671 habitantes.

A cultura de café é agora praticamente inexpressível, tendo se diversificado após uma grande geada ter assolado a região em 1979. Milho, soja e cana-de-açúcar se traduzem como principais cultivos locais.



fig. 4: Praça de Convivência e centro de Maringá atualmente

## **Bibliografia**

ENDLICH, A. M. *Maringá e o tecer da rede urbana regional*. Dissertação (Mestrado em geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente: 1998.

HOWARD, E. *Cidades-jardins do amanhã*. AnnaBlume-Hucitec, 2002. 2 ed. 211 p.

RECCO, Rogério. *Em algum lugar*. Maringá. Midiograf, 2007. 1 ed, 124 p.

RECCO, Rogério. *Clareira Flamejante*. Maringá. Midiograf, 2007. 1 ed. 140 p.

STEINKE, R. *Ruas retas versus ruas curvas: a trajetória do urbanista Jorge de Macedo Vieira*. Maringá: Eduem, 2007. 1 ed. 212 p.